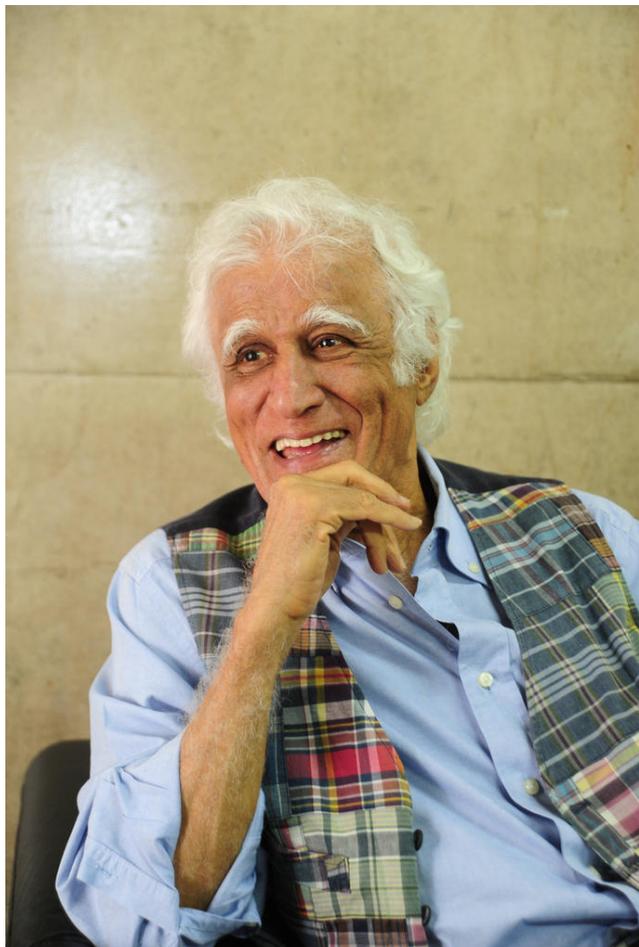


Oitentão e em plena atividade

Ziraldo fala sobre sua teoria da longevidade na contemporaneidade, das mudanças que o Brasil está passando e da importância de investir em um novo modelo de educação



["O grande problema do Brasil é Educação, e o grande problema da educação é a leitura", frisa Ziraldo - LUIZ SETTI](#)

[Mais fotos...](#)

Maíra Fernandes

maira.fernandes@jcruzero.com.br

A memória depois de oito décadas vividas não permite mais elencar, de forma lépida, as dez personalidades oitentonas que sustentam sua teoria da longevidade na contemporaneidade. Não importa. Se ultimamente ele liga para alguém e pergunta ao receptor: quero falar com quem mesmo? Há, sobretudo, uma licença não poética, mas humorística, que ainda permite a Ziraldo, do alto dos seus 81 anos arredondados em outubro do ano passado, fazer graça consigo mesmo e falar, apenas, daquilo que mais gosta. Atualmente, sua pauta preferida é a educação. "Prefiro falar de educação que de cultura", bradou ele, um dos mais importantes cartunistas e escritores vivos do Brasil, para sempre associado à imagem de seu filho mais ilustre, O Menino Maluquinho.

Zuenir Ventura, Sérgio Ricardo, Ferreira Gullar, Jaguar, Antônio Abujamra, entre outros, estão na lista dos "oitentões" aclamados por Ziraldo. Oitentões e não octogenários, já que ao explicar a vitalidade da idade e da produção ininterrupta, lembra que, há anos, eram os "quarentões" que sustentavam o status de "entões" enxutos.

"Você já ouvir falar em quarentão? Passou um tempo e ninguém achava que um cara de 50 anos poderia ser um dia, um cinquentão. Mas quando apareceu um político bonito de 60 anos, passaram a chamar de sessentão. Agora, 70 anos

era a década esquecida, pois ninguém faz projetos para os 70 anos e nem para os 80, mas aí aparece o Chico Buarque, Caetano Veloso, tudo setentões. E também esses sujeitos aí de 80 anos, que estão atuando como se fossem garotos: Zuenir Ventura, Abujamra, Sérgio Ricardo... . Uma coisa que a gente perde é a memória, isso é um horror", contou o cartunista, lembrando que, nunca houve tantos oitentões em plena atividade como ele e seus contemporâneos. "É impressionante, pois a velocidade com que as coisas aconteceram no último tempo, fez com que ampliasse a presença do ser humano no tempo."

Mas é a sua memória "horrorosa" a responsável por traçar esse paralelo entre o hoje e as décadas idas. Quando recorda o tempo em que chegou ao Rio de Janeiro, saído de Minas com seus desenhos embaixo do braço, as pessoas que admirava já estavam aposentadas ainda "meninos", com seus 60 e poucos anos. "Nós não. Estamos na ativa. O Lan, por exemplo, está com 89 anos e publicando os desenhos dele todos os dias no jornal O Globo. Ele é o nosso guerreiro avançado. O Abujamra também tem uma energia de criança. Mudou muito o modo de viver, ninguém mais quer entregar o ouro", ri da própria longevidade.

Nessas oito décadas, Ziraldo pode se sentir a vontade para dizer que viu, muitas vezes dentro do olho do furacão, as principais mudanças ocorridas nesse tempo no Brasil. E não foram poucas. Além dos avanços tecnológicos, conquistas legais, políticas, é com um exemplo de mudança cultural que ele exemplifica e mensura o passar dos anos.

A lembrança é de quando era jovem, ainda em Minas, e em seu grupo de amigos intelectuais que ficavam no bar até a noite, havia uma menina. Quando ela ia embora, eles iam para a zona. "Não podíamos nem pensar em "comer" a nossa namorada, mas daí fui pro Rio. Soube, depois, que o namorado dessa menina tinha feito mal a ela e entregou ela ao pai, pois não podia mais casar com ela. Não era para casar. O pai a expulsou de casa. Isso aconteceu há 60 anos. Hoje em dia, o namorado da minha filha, quando vejo, está em casa dormindo."

Mudança pela educação

Ziraldo olha positivo para a mudança, todas: acredita que, hoje em dia, há mais sinceridade, transparência e "o nível de fofoca está cada vez menor. A gente tem que respeitar o outro cada vez mais. Cada um se veste como quiser, dá para quem quiser". Para ele, liberdades adquiridas, mas que ficam no campo comportamental. "Não estou falando de problema social, injustiça, da vida que está difícil."

A luz no fim do túnel, para ele, está na educação, mas não nesse modelo praticado hoje em dia. "Vai melhorar, lógico, o Brasil hoje é um país muito melhor de quando eu tinha 20 anos. Não tem nem comparação. Mas tem que mudar muitas coisas na estrutura da educação, não pode perder tempo no ensino fundamental ensinando outras coisas. Tem que ensinar a escrever, a ler e a fazer conta, levar à biblioteca, ao cinema, discutir literatura com eles, daí quando estiverem na faculdade eles estarão prontos para aprender o ensino organizado, o tempo do verbo. Eu não sei o que é advérbio até hoje."

Esse modelo, acredita, "enche o saco" das crianças que estão em fase de formação, e mais distancia do que aproxima os pequenos da leitura. "Como um menino de 10 anos pode conceber Objeto Direto e Objeto Indireto? Eu, ultimamente, só gosto de conversar sobre isso. Não gosto de cultura não, só de educação. O grande problema do Brasil é educação, e o grande problema da educação é a leitura. As crianças chegam ao vestibular analfabetas. 90 % dos brasileiros não entendem o que lêem e não conseguem se expressar pela leitura", defendeu.

Libertas que sera tamen

Ziraldo que, como muitos artistas que tentavam fazer seus trabalhos com liberdade na época do regime ditatorial foi vítima da censura e chegou a ser preso, acha que o golpe militar de 1964, que completa 40 anos neste mês, não deve nem ser lembrado. Ele, que chegou a ser criticado por companheiros da época por ter recebido a indenização de mais de R\$ 1 milhão da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça pelos alegados prejuízos sofridos por conta da perseguição política durante o regime militar, reforça um aspecto que chama de ridículo, que foi datarem o golpe como oficialmente ocorrido no dia 31 de março e não no dia 1 de abril, o Dia da Mentira. "Uma pegadinha por causa da data. Mas, se for analisar, eu fui preso, eles torturaram, mataram pessoas, me prenderam com capuz na cabeça e não

respeitaram os interesses de ninguém. Proibiram a cantora Joan Baez de cantar aqui, que tipo de ameaça ela poderia ser?"

O cartunista ainda acredita em política, mas como arte, uma atividade séria, e não como acontece no Brasil hoje em dia. "O Congresso brasileiro é uma vergonha nacional. Eles elegem uma pessoa de inteligência mínima para Presidente do Congresso. E o que o PMDB está fazendo com a Dilma? Pelo amor de Deus, eles não têm nem pudor."

Ele, que rodou boa parte do país militando pelo movimento Diretas Já! , apoia e compreende as manifestações. Acredita na força da mobilização como elemento de reivindicação e mudança, mas pontua que no meio da caminhada muitas coisas acontecem, como no caso das manifestações iniciadas em junho no Brasil, exemplifica. "Rodei o país nas Diretas. Nunca houve mobilização igual, pacífica, não morreu ninguém, nem de acidente. Daí no dia seguinte, o Congresso negou o nosso pedido e voltamos para casa frustrado, não conseguimos sensibilizá-los."

Ele reconhece que muita coisa mudou de uma época para outra. "Os comunistas ortodoxos acham quem em todo o caos, está mantida uma nova ordem. Isso é um sofisma. Evidentemente que essas coisas alteram o ritmo da história. Não dá para entender, ou dá para entender, o que os Black Blocs estão fazendo, mas briga de rua existe desde que a civilização existe. Tem sempre esse sujeito que tem uma índole para ir para a violência, ele aproveita da situação, mas se perguntar a ele o por que ele não tem a menor idéia. Os movimentos nascem com uma razão de ser e depois são desvirtuados. Mas, de qualquer forma, democracia é democracia, o direito de se manifestar tem que ser total", conclui, repetindo a ideia grafada na bandeira do seu Estado natal.

- [Imprimir](#)
- [Enviar](#)

Publicidade



Publicidade